

# EL GAUCHO

Lauro Pereira Guimarães<sup>1</sup>

## I - A História

O amanhecer do século dezesseis encontra as Cortes de Espanha e Portugal em acirrada disputa pela posse e domínio de largas porções de virgens terras, acrescidas ao mundo conhecido - incorporadas ao ecúmeno - pelas descobertas marítimas do final do século anterior. Dentre as áreas desvendadas pelos descobridores, as da América do Sul, em particular, despertavam a cobiça dos monarcas ibéricos, ávidos de poderio político e de riquezas materiais. O Tratado de Tordesilhas «da Partição do Mar Oceano», de 1494, que pretendeu dividir os novos territórios por uma linha demarcatória de pólo a pólo, não passou de um traço fugaz na superfície dos mapas, a desafiar a audácia dos desbravadores e incendiar a cupidez das metrópoles, uns e outros conscientes da ilegitimidade de suas investidas. A imprecisão dos limites, a dúvida quanto à soberania sobre vastas regiões meridionais iria retardar por mais de dois séculos ( o 16, o 17 e parte do 18), a ocupação regular, ordeira e pacífica da terra jovem, entre Laguna, último bastião português, e a “porteña” Buenos Aires, espanhola desde a fundação, em 1536, por Pedro de Mendoza. A heróica, combatida, derrotada, renascente Colônia do Sacramento, tentativa de afirmação do domínio lusitano até à margem esquerda do Rio da Prata, é o documento mais palpável da instabilidade da linha divisória, no meridiano da América e que só ficaria definida - já entre as novas nações independentes - no terceiro decênio do século dezenove, com o nascimento da brava nação oriental- o Uruguai em 1828.

Assim, por cerca de 250 anos, uma imensa região não conheceu lei nem ordem e muitas vezes ignorou a que governo ultramarino devia obediência. Mais de 1300 quilômetros de costa e acima de meio

---

<sup>1</sup> Lauro Pereira Guimarães é advogado. Foi Secretário da Cultura e Presidente da Caixa Econômica Estadual.

milhão de quilômetros quadrados, desde Laguna ao Rio da Prata, os atuais Rio Grande do Sul e Uruguai, oscilaram pendularmente entre as duas coroas da Ibéria, que, por incerteza de seu domínio legítimo, nada ou pouco investiam na ocupação e desenvolvimento das novas terras. Por esse tempo, desde o 1500, Rio, São Paulo, Salvador, Lima, Quito e outros centros coloniais floresciam intensamente, sob o olho gordo das Cortes europeias dominantes.

A ausência de governos regulares - àquela época representados particulamente por tropas militares -, a insegurança quanto aos bens; os vastos descampados, semidesertos de gente, sem dono, iriam modelar um tipo humano audaz, destemido, amante da liberdade, habituado a contar consigo próprio, em permanente intimidade com a luta armada para defesa, primeiro, do lar, e mais tarde, de ideias, de bandeiras, de caudilhos, de chefes políticos, de nacionalidades nascentes. Mas, nenhum desses processos associativos destruiu na alma dos primeiros ocupantes o marcante individualismo, o apego às convicções e valores íntimos, a rebeldia ante as diversas tentativas de submissão.

## **II - A Geografia**

Perdida no extremo sul do mapa americano, distante e abandonada pelos governos reinóis, desenhada em planícies infinitas, escassas, suaves serranias, extensos planaltos levemente ondulados, a amplidão do horizonte sem fim, solo livre de obstáculos intransponíveis, o palco físico que se deparou aos primitivos habitantes do pampa americano haveria de estimular o amor às distâncias, a ânsia do movimento, a rebeldia ao confinamento, a ousadia de novas ocupações territoriais, a posse pela lei do mais audaz, o gosto da aventura, a disposição guerreira pela defesa do solo que não lhe fora pacatamente doado, mas que ocupara, conquistara e mantivera por sua férrea determinação.

## **III - O Trabalho: O Pastoreio**

As férteis pastagens naturais, se não brotava nelas a prata de Potosí, nem o ouro das Gerais, nem as valiosas florestas do trópico, eram fortemente propícias à pecuária extensiva, à multiplicação espontânea da gadaria, introduzida nas novas terras pelo jesuíta astuto, desde o Paraguai, onde, a partir de 1555, desenvolviam-se os primeiros rebanhos, trazidos primeiramente do litoral piratininga e de outros centros de colonização ibérica no continente meridional; atrás do vacuum, vieram o cavalo, a ovelha, o caprino, trilhando caminhos semelhantes.

Espalhado pelas largas planícies e coxilhas, cobertas de pastos, ou arrinconado em Vacarias, do Mar ou dos Pinhais, o gado chimarrão multiplicou-se pela lei da natureza. A exploração do couro, contrabandeado pelas fronteiras abertas, foi a primeira riqueza extraída do gado, mais valiosa, então, do que a carne; abundante e destinada à subsistência farta e perdulária. A charqueada, primeira manifestação industrial, pela salga e conservação da carne, veio mais tarde, assim também a tropeada, o comércio de gados em pé para o forte mercado paulista, já no século XVIII.

A atividade campeira - o pastoreio - ao criar um sistema econômico na região, determinou um estilo de vida, gerou um tipo humano que se foi tornando peculiar, próprio, identificador de uma província sul-americana - o pampa meridional.

“A vida grupal começou no campo aberto, ao encalço da rês alçada...; assim, em quase dois séculos e meio de sucessivos avanços e recuos, reuniu um acervo de costumes onde o peculiar, o genuíno, vem das tropeadas ao ar livre, da atividade campeira erigida em centro de interesse de toda uma sociedade. Daí provêm os usos e costumes verdadeiramente tradicionais...”, (Guilhermino, Cesar. História do Rio Grande do Sul - Período Colonial. Ed. Globo, págs. 30/38.)

A utilização necessária do cavalo, como instrumento de trabalho na paz e arma poderosa na luta armada, tornou-o peça indissociável da vida desse homem, deu-lhe mobilidade nas distâncias, o

domínio sobre o gado xucro, força bélica ante o inimigo, a sobrançeria altaneira do peleador que sabe poder contar consigo próprio e com seu inseparável companheiro na lida campeira e na guerra - o pingo. A economia incipiente com base na pecuária começa a impor uma fisionomia própria à vasta região pampeana, marcando o homem que nela vivia, traçando a sua psiquê, costumes, usos, crenças, linguajar, valores, sua alma e seu caráter.

“Esta riqueza pecuária determina muchos de los caracteres que ha de asumir la sociedad hispano-criolla en el Uruguay. La ganadería va a producir la estancia, el gaucho, la montonera, el caudillo. Otros factores han de intervenir, desde luego, en la producción de tales fenómenos; pero, el primero, el básico, es la ganadería, puesto que ella es el elemento vital que el territorio ofrece a-la población, determinando así el género de vida.” (Alberto Zum Felde. *Proceso Histórico del Uruguay*. Arca Editorial, pág. 12)

E mais:

“Asi como la agricultura hace hombres mansos e gregarios, la ganadería hace hombres bravios e individuales; la agricultura es sedentaria civil; la ganadería es ecuestre y guerrera.” (Idem, idem, pag. 14.)

Não é outra a visão luso-brasileira da influência laboral na construção da sociedade nascente e no tipo individual que a compõe:

“A ganadería veio, assim, a criar um novo gênero de vida e um novo tipo social: o do vaqueiro, sem domicílio e sem lei, centauro livre que rodava a cavalo pela campanha, nômade como os índios, cuja cultura assimilara e fundira com a da grei ibérica de onde provinha, roubando estância, raptando índias e vendendo cavalos, mulas ou vacas aos portugueses desde a

Colônia até Laguna. Ao novo tipo social moldado por este gênero de vida chamou-se o gaudério e depois o gaúcho.” (Jaime, Cortesão. Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, Parte I, Tomo II. Ed. Inst. Rio Branco, pág. 42.)

#### **IV - O Tipo Social**

Cronistas dos séculos 17 e 18, viajores estrangeiros em apressadas passagens pelo continente; governantes coloniais em subservientes relatórios às Cortes; padres jesuítas em cartas a seus superiores em Assunção ou na Metrópole, coincidem em retrazar o aparecimento, ali pelo começo do 1700, de um certo número de indivíduos, gaudérios, isto é, sem lar fixo, de “mala camisa y peor vestidos” (apud Concolorcorvo), ex-soldados, desertores de tropas colonizadoras; outros, mestiços, cruza de branco com índia charrua ou minuano; foragidos da Justiça de ambos os lados do Prata. Exímios cavaleiros, insubordinados à dura lei da caserna e draconiana legislação cortesã, feita para os burgos europeus, passavam a vida a tomar gado e mulheres alheias, para seu repasto, traje peculiar, estilo de vida, usos, costumes próprios, esses indivíduos acabaram por constituir um tipo social nitidamente definido, perfeitamente identificável, ocupando um habitat próprio, vivendo no e do meio rural, tendo como habilidade maior a arte de cavalgar; como atividade econômica, a changa ou a apropriação de gado; como característica psicológica, o gosto da aventura, o culto gratuito da coragem, o amor à liberdade, a aversão à disciplina.

Era o gaúcho ou gaudério que nascia na tipologia humana do continente.

Se é certo que, em sua origem, o gaúcho «foi o contrabandista, desertor ou foragido da Justiça» (J. Cortesão, ob. cit.), impõe-se registrar que, ao longo do tempo e através de processo sócio-bélico-econômico, esse gaudério foi sendo incorporado à vida regular da província, através do trabalho campeiro - o peão -; como guerrilheiro nas lutas intestinas, soldado nas guerras da Independência, pequeno criador,

estancieiro, caudilho, chefe militar. Nenhuma análise sócio-antropológica sobre o gaúcho nos parece válida se detiver-se na contemplação estática da sua gênese histórica, o momento primeiro de seu aparecimento, as raízes, de tempo e de lugar, de sua primitiva existência.

Mais que isso - e é esta nossa tentativa de contribuição para este encontro cultural das «tres patrias gauchas» – importa recriar, recompor, recuperar para a sua História, o processo, certamente lento e gradual, de sua assimilação e assemelhação por e com o meio dito regular. Isto é, como o bandoleiro marginalizado do convívio social convencional, ao mesmo tempo em que se via por este aproveitado, na lida campeira ou na guerra, transmitia-lhe um estilo de vida, hábitos, valores, trajos e caracteres que se foram mesclando aos usos e costumes, principal, mas não unicamente, do meio rural. Vale dizer que o gaudério temerário, insubordinado e peleador, enquanto era lentamente incorporado à sociedade ordenada, marcava-a com seu sinete rubro, sua fala altaneira, a disposição para a aventura, a bravura inconsequente. Para uma sociedade rudimentar, que se ia esquecendo dos valores sócio-culturais trazidos da Europa, aberta ao sentimento nativista de construção da pátria! nova, carente de segurança, lei, ordens governamentais, a incorporação desses gaudérios para seu serviço, defesa e aventuras guerreiras foi, assim, imposição da mais dura das leis - a da necessidade.

Daí, a forte, marcante personalidade, os vivos contornos psicológicos do gaúcho se foram impondo ao meio, escasso de densidade cultural, esgarçado de valores sólidos, pelo primitivismo do ambiente e abandono das metrópoles, extrativistas e espoliadoras.

O gaudério changador foi, na paz, peão, domador de potros, laçador, tirador de couro, contrabandista, tropeiro, capataz, criador, estancieiro. Nas efervescências políticas, foi guerreiro, arregimentado às forças de um caudilho, que era, seguidamente, seu patrão, gaúcho como ele, dono da estância e do gado. Nas lutas da Independência, lá estava ele, pala solto ao vento nas cargas de cavalaria, a lança primi-

tiva, firme, a apontar o caminho, seguindo uma bandeira que, se não entendia bem o sentido, sabia que se chamava LIBERDADE.

Foi guerreiro de Artigas em Las Piedras; Blanco ou Colorado, lutou ao lado de Oribe ou de Rivera, na Guerra Grande; desembarcou com Lavalleja em Agraciada.

Formou no exército libertador de Belgrano e de San Martín. É o vaqueano, rastreador de Sarmiento, matéria prima que plasmou o Facundo. Foi federalista e foi unitário, com Rosas e com Urquiza.

Foi Farrapo de Bento Gonçalves e Caramuru de Andrade Neves; índio, negro, mestiço ou mulato, foi lanceiro de Canabarro. É a própria Cavalaria rio-grandense, arma temível no pampa descoberto, onde a bravura temerária do gaúcho se funde com a nobreza do corcel, como se convictos do mesmo ideal libertário.

É o gaudério pobre, marginalizado, por nome Martín Fierro, cantando sua «mala suerte» com amarga altivez, mas é dignidade reservada, a bravura sóbria de Don Segundo Sombra.

É o Blau Nunes, peão humilde, rico de nobreza, das “Trezentas Onças” e está vivo inteiro no Jango Jorge do “Contrabandista” e, tisonado de preto, é o Bonifácio, negro “maleva, mas taura”, que ria da morte perto.

Surgiu de um processo histórico onde as fronteiras políticas eram empurradas pela vontade forte do homem. Filho da campina aberta, convidando à liberdade. Conhecendo como trabalho apenas a lida pastoril e como companheiro, o flete de sua confiança, o gaudério rude, o fora-da-lei primevo, alargou pouco a pouco, seu espaço físico e sua participação social. Intercomunicou-se com a sociedade nascente. Transmitiu-lhe e dela recebeu contribuição cultural, valores éticos, sentido cívico - a cidadania. Hábil cavaleiro, chegou à estância como peão. Guerreiro espontâneo, vestiu a farda regular ou ornou a aba do sombrero com a divisa voluntária e arrogante do caudilho eventual.

Poucos, no começo, depreciativamente olhados, no contato com a urbe, não foram por ela absorvidos, desfigurados, assimilados culturalmente. Ao revés, imprimiram sua marca nativa, o caráter varonil, a idealização obstinada dos que dão pouco valor à vida e todo à convicção livre.

E fez Pátria - “las tres patrias gauchas”. Que têm a sua face, alma, valores, caprichos e anseios.

O gaúcho - el gaucho - está vivo nas pátrias que ele plasmou.

Não permitamos que ele pereça.

Elas poderiam perecer com ele!